A Mensagem da Cultura Portugusa*

Linhares Filho

Justifico o honroso convite que me fizeste para ministrar esta "aula da saudade", ao lado de competentes e distintos colegas, pelo acatamento gentil que tivestes ao meu indefectível prazer de lecionar, de avivar com vibração, mas sem fuga da realidade, a excelência da missão magisterial, enfim pela consideração ao prazer de dirigir-me à juventude estudiosa, falando-lhe sempre com entusiasmo sobre minha especialidade, a Literatura.

Com a vossa turma, como com todas as outras, busquei ser justo dentro dos limites da imperfeição humana, e procurando demonstrar aquela "fé" e distribuir aquela "ternura" que Gibran Khalil Gibran aponta como atributos da sabedoria do mestre [1]: a "fé", que entendo ser a convicção das verdades professadas, e a "ternura", que pode traduzir-se como delicadeza na convivência.

Agradeço-vos, pois, pela gentileza de quererdes enxergar algumas supostas qualidades minhas, concedendo ao vosso professor mais esta oportunidade de assumir a cátedra para falar-vos e, desta vez, num clima festivo e saudoso ao mesmo tempo, de despedida e de esperança. Sentir-me-ei navegando, bem ou mal, por mares amenos.

Imaginei que desejáveis ouvir-me dissertar, mais uma vez, sobre os valores da Literatura Portuguesa de que fui vosso lente, daí haver escolhido como tema da presente aula A Mensagem da Cultura Portuguesa. Entendo que a cultura de um povo ou de um país se representa, em grande parte, pela sua Literatura, e que a Cultura Brasileira, de que participamos, proveio da Portuguesa, assim como concebo que as Literaturas Portuguesa e Brasileira se relacionam intimamente, a partir do instrumento cultural comum, a Língua Portuguesa, esta "em que mel com aroma se mistura", [2] conforme cantou o nosso José Albano. E que melhor matéria se indicaria para uma "aula da saudade" senão essa que focalizo, se sabemos que a Saudade, que Teixeira de Pascoaes, em seu saudosismo dinâmico, chamou de "sangue espiritual da Raça",[3] é um dos mais importantes aspectos da Cultura Portuguesa, a nós transmitido até como singularidade lingüística, o idiotismo?

Permiti que eu recorra ao poema "Invocação a Portugal",[4] do meu livro inédito *Andanças e Marinhagens*, como preâmbulo desta aula, pois pressinto que todos nós, por imposição do assunto que

elegi, nos sentiremos aqui navegadores do mar, que tão bem representa a Cultura Portuguesa. Invoque, pois, cada um de nós a iluminação da Lusitânia através do aludido poema:

Ensima-me com as tuas caravelas,
ó pátria de Camões, a navegar,
que, enquanto ondas houver, batendo nelas,
não vais deter teu desafio ao mar.

Certo não é que recolheste as velas.
O afã de descobrires paira no ar.
Todo o teu sonho náutico revelas:
Jamais ao porto último chegar.

Quantos, presos ao mar, são uma legenda
dentre os teus filhos: Eanes, Dias, Gama,
do Infante e João Segundo até Cabral!

Em teus barcos quero ir, para que aprenda
mais os segredos de martírio e fama,
com que és sempre tu mesmo, Portugal!

Embarcados estando nós nas eternas caravelas lusas, trago-vos à reflexão como matéria principal desta aula a análise de um dos mais belos poemas do nosso maior poeta do Romantismo Português: a cançonela "Tristezas", [5] de João de Deus, de qual, após fazê-la relacionar-se com a vossa vida, tentarei extrair exemplos práticos, ou seja, a mensagem, que vos poderá orientar existencialmente.

Originando-se o texto a ser examinado da terceira fase do Romantismo Português, observemos alguns aspectos do Romantismo na Literatura Ocidental. Trata-se, como sabéis, daquela escola que privilegia, dentre outros valores, a consciência da solidão, o culto ao passado e à Natureza. O seu *chamado mal-de-siècle* é um complexo de atitudes oitocentistas que ressuma individualismo e morbidez. Os ideais monárquicos e literários se instalam. A filosofia do Enciclopedismo substitui os princípios iluministas, e o Sentimento sobrepõe-se à Razão. O *Sehnsucht*, "nostalgia" romântica ou insatisfação perpétua"[6] segundo a concepção de Friedrich Schlegei, interpretado por Vítor Manuel de Aguiar e Silva, identifica-se com a atitude do existencialismo ontológico na busca, empreendida por este, da verdade e da ventura, daí a atualidade do espírito romântico, que se eterniza também pela coincidência de muitos dos seus postulados com o que se entende por funções da Literatura, por literariedade e supra-realidade.

João de Deus Ramos, o autor de "Tristezas", viveu entre 1830 e 1896 e situa-se, até certo ponto, como poeta de transição entre o Romantismo eo Realismo, sobretudo por não apresentar em sua poesia certos exageros ultra-românticos. Produzindo uma obra lírica sem os grandes dramas íntimos, encontrados na poesia de um Garrett, ela prima pela simplicidade e a musicalidade, com muita variação de ritmos. O poeta possui certa dição a Camões e lembra alguns traços do Trovadorismo. Lírico-amoroso e místico por excelência, este pode ser o *entre-texto* [7] de sua poesia: Deus, que se espelha na Amada e na Natureza, é a vida e a luz do poeta. 8 Autor de *Flores do Campo* (1869), com a compilação de Teófilo Braga, tal livro se amplia com o título de *Campo de Flores* (1893). Também publica Cartilha Maternal (1876), instrumento de vitoriosa campanha pedagógica, e suas Prosas, de 1898, vierem à luz postumamente.

O poema "Tristezas", inserido entre as cançonetas do livro *Campo de Flores* e composto de oito estrofes em redondilha menor e rimas emparelhadas, traz espírito elegíaco, muito ao gosto do Romantismo e uma forte consciência da efemeridade da vida, comportamento que, sendo pretexto do *carpe diem*, é próprio do Classicismo, mas reponta nas várias escolas, inclusive no Modernismo e na Pós-modernidade, influenciados estes pelo existencialismo ontológico. Leiámos o texto, que é oferecido a Sebastião Formosinho:

Na marcha da vida
Que vai a voar
Por esta descida
Caminho do mar,

Caminho da morte
Que me há de arrancar
O grito mais forte
Que eu posso exhalar:

O ai da partida
Da pátria, do lar,
Dos meus e da vida,
De terra e do ar;

Já perto da onda
Que me há de tragar,
Embora se esconda
No fundo do mar;

De noite e de dia
Me alveja no ar
O fumo que eu via
Subir do meu lar!

Que sonhos doirados
Me estão a lembrar!
Mas tempos passados
Não podem voltar!

Carreira da vida,
Que vás a voar
Por esta descida,
Vai mais de vagar;

Que eu vou d'este mundo,
Talvez, descançar,
E nunca do fundo
Dos mares voltar!...

Divide-se o poema em três movimentos, coincidentemente demarcados pelos três períodos gramaticais em que ele se concebe. No primeiro movimento, composto das cinco primeiras estrofes, verificam-se relembranças diante da pressa da vida. No segundo movimento, formado pela sexta estrofe, observa-se, ao lado do enternecimento memorialista, a consciência da extinção do passado. Constata-se no terceiro movimento o apelo à vida para que se demore. Desse modo, este pode ser o tema da composição: Lembranças enternecidas diante da pressa da vida e apelo para que esta se demore.

A metáfora da jornada como decurso da vida abrange todo o poema, a partir da imagem do primeiro verso "Na marcha da vida" e a homologia "Caminho do mar,// Caminho da morte" aprofunda em sua metáfora o significado do mar em duas dimensões. Pelo fato de o mar simbolizar o mistério que se encontra na morte e pelo fato de o mar situar-se num nível abaixo do plano dos povoamentos, implicando uma "descida" para o acesso a ele, "descida" que sinaliza declínio, tal homologia pode estender-se, genericamente, a todas as pessoas do mundo. Pelo fato, porém, de o homem luso ser fadado a morrer no mar, causa de martírio e glória, a homologia refere-se especificamente à morte desse homem. Por isso, esse mar pode representar um traço de lirismo comunitário, com que o poeta incorpora a cultura portuguesa, ou "lirismo como situação humana prototípica" [10] segundo a concepção de Cassirer, aplicada aqui ao

caso de uma nacionalidade. Também nessa última perspectiva a referência marítima reflete o *Volksgeist* (espírito do povo), da filosofia da História, de Herder.[11]

O mesmo destino do português previsto no poema de João de Deus encontra-se nestes versos d'"O Sentimento dum Ocidental", [12] de Cesário Verde, ao referir-se este poeta às varinas:

> Vêm sacudindo as ancas opulentas!
> Seus troncos veronis recordam-me pilastras;
> E algumas, à cabeça, embalam nas canastras
> Os filhos que depois naufragam nas tormentas.

Voltemos ao poema "Tristezas". Observemos idéias essenciais das várias estrofes como a sugestão de canto do cisne da segunda estrofe; a previsão de cilada da morte na quarta estrofe; a dor da despedida dos vários aspectos do mundo sentimental do poeta, do familiar ao ecológico e ao nacional na estância terceira; a ligação aos elementos da Natureza: terra, ar, fogo (representado pelo fumo) e água representada adversamente pelo mar. Destaquemos o teor da imaginação do poeta, a rememorar o que no poema é significativamente o maior índice da vida: "O fumo que eu via/ Subir do meu lar!" O implícito fogo da lareira, dádiva dos deuses Lares, em torno ao qual a família se reúne e a vida se agita, o fogo que está no coração do homem atiçando-lhe o desejo, opõe-se frontalmente, no poema, à água do mar, símbolo da morte, apesar de se haver originado dessa água a vida terrestre.

Assinale-se a alegoria significante de morte: "descida", "Caminho do mar", "fundo do mar" e a apóstrofe expressiva do penúltimo quarteto; a dúvida, por motivo ambíguo, do poeta ir descansar do mundo ao morrer e a insistência da rima em "ar" que, conquanto de som aberto, pode significar, por percorrer todo o texto, a batida monótona da apressada e fatal "marcha da vida".

Observemos, porém, que a marcha do que é da terra em demanda do mar nem sempre tem conotação fatal, mas pode significar o começo de uma expansão de vida, de progresso, de cultura, tal como se verifica no poema "Sexto/D. Diniz". [13]

Nesta peça da *Mensagem*, de Fernando Pessoa, o visionarismo pessoano concebe um visionarismo no rei, "plantador de naus", por plantar tal rei o pinheiral de Leiria, e visualiza o transporte da Cultura Portuguesa, representada pelo "Cantar de Amigo", na busca descobridora através do mar:

NA NOITE escreve um seu Cantar de Amigo
O plantador de naus a haver,
E ouve um silêncio murmuro consigo:
É o rumor dos pinhaes que, como um trigo
De Império, ondulam sem se poder ver.

Arroio, esse cantar, jovem e puro,
busca o oceano por achar;
E a falha dos pinhaes, marulho obscuro,
É o som presente d'esse mar futuro,
É a voz da terra anciando pelo mar.

Anotemos a intratextualidade do poema "Tristezas" com outros textos de despedida, escritos pelo autor como dois poemas intitulados "Adeus", dois outros denominados "Último Adeus" e, ainda, com o poema "A vida", obra-prima do poeta e texto, que se relaciona com o de nossa análise principal, sobretudo por causa da consciência do efêmero: "A vida é o dia de hoje,/ A vida é ai que mal soa,/ A vida é sombra que foge,/ A vida é nuvem que voa".

Meus caros concludentes:

A trajetória da nossa vida assemelha-se àquela tão belamente descrita por João de Deus na cançoneta que estudamos. Sabei que a despedida de hoje é apenas uma imagem de outras que virão até a definitiva. *Vulnerant omnes, ultima necat* [14] (Todas ferem, a derradeira mata) reza o axioma latino. Todavia tende tenacidade e esperança, enchei-vos de ânimo, ungi-vos com o entusiasmo dos fortes e acalentai o Sonho dos iluminados, armai-vos com a armadura do estudo, da honestidade, da solidariedade humana, escudai-vos com a calma do cumprimento do vosso dever de estado, que essa mesma derradeira despedida podeis superar! Sim, podeis vencer todos os obstáculos e a própria morte! "Só há sono perfeito no regaço/ Da morte que primeiro foi vencida". [15] ensina Miguel Torga. E a missão do homem, particularmente a do humanista, é vencer a morte.

Apresentei-vos em toda a nossa convivência e máxime nesta aula apenas sugestões de como serdes um d'aquêles que por obras valerosas/ Se vão da lei da Morte libertando", [16] como cantou Camões. O mais ficará convosco, com a vossa criatividade, com a conveniente e pessoal utilização das vossas potencialidades, das vossas virtudes morais e intelectuais, porque, em última análise, como afirma Khalil Gibran,

> *Nenhum homem poderá revelar-vos nada senão o que já está meio adormecido na aurora do vosso entendimento. [...] Porque a visão de um homem não empresta suas asas a outro homem.* [17]